

CADÁVERES

Luchino Visconti

Andando por certas sociedades cinematográficas, acontece que se topa muito frequentemente com cadáveres que se obstinam a serem vivos. Terá acontecido aos outros, como a mim, tê-los em princípio encontrados e não tê-los identificados: porque, quando estão em circulação, estão vestidos como eu e vocês. Mas aquele processo de decomposição, que está neles escondido em ato, todavia, difunde um fedor de estragado, que não escapará mais a nenhum nariz um pouco experimentado. Nos casarões moderníssimos, onde agora têm sede certas sociedades, os escritórios dão todos para longos corredores com tantas portas laterais, e no batente de cada uma, tantas placas iguais, com o nome do ocupante: um columbário no cemitério.

Já aconteceu de, por acaso, eu me encontrar abrindo uma dessas portas na presença de ceninhas memoráveis. Um velhinho saltitante pela sala, tomado pelo frenesi numa fúria inspiradora, sob os olhos de um contemporâneo com papos de antigo peru, que, imóvel, atrás do amplo escritório de madeira clara, segue os passos quebrando pastilhas de urotropina, vigilante como a serpente que depois paparará o coelho.

Personagens assim marcam encontros no tardar das horas vespertinas ao término de uma penosa digestão, a inventar livretes de melodrama que já existem sem que eles saibam.

Publicado no nº 119 da revista *Cinema*, 10 de junho de 1941. Este texto já foi publicado em: Olhar

Se nunca se apresentou a vocês a ocasião de ter de se reunir com algum destes senhores e ter de expor, com um fio de repugnância, os seus sonhos, as suas ilusões, a sua fé, os terão contemplado com o olho ausente do sonâmbulo, e no fundo da sua órbita opaca lhes parecerá aflorar-se o frio da morte.

Vem deles, frente aos seus argumentos, como de certo personagem de Poe, que, morto já há algum tempo, mas conservado intacto no corpo por uma vontade magnética possante, esta vindo-lhe de repente a faltar, corrompe-se e se dissolve quando menos se espera.

Vivem, já mortos, ignorantes do progredir do tempo, do reflexo das coisas todas extintas, daquele seu mundo descolorido, onde a gente circulava impune sobre os pavimentos de papel e gesso, onde os cenários oscilavam no respirar de uma porta repentinamente aberta, onde floresciam perpetuamente roseiras de papel de seda, onde estilos e épocas se fundiam e se confundiam magnânimos, onde, para que se possa entender, Cleópatras *art nouveau*, de aplique, vampirizavam (colocando-os sob o chicote) sombrios pedaços de Marcos Antonios de *busto di balena*.¹

Saudosizam-se de teatrinhos de pose em alpendres de vidro como os das estufas de flores, gabinetes fotográficos à periferia.

Às vezes vocês os surpreenderão de noite, entre a meia-noite e a uma, quando, furtivos e com a inocência do colegial que cortou a corda depois do silêncio, correm para reencontrar a amiguinha jovem que os deixa chorar um pouco no seu ombro. Metem-se então por sobre certas escadinhas que cheiram a fenol.

No sono partilham terríveis pesadelos: ao nascer do dia, acordados de sobressalto, atacados do fígado que reclama o seu Schoum, à luz incerta do quarto não sabem mais se estão vivos agora, ou se viveram.

Não vão nunca ao cinema.

Que os jovens de hoje, que são tantos e que vêm se nutrindo, por ora, apenas de santa esperança, todavia impacientes com tantas coisas que têm para dizer, devam encontrar-se como bastões entre as rodas destes muito numerosos cadáveres, hostis e desconfiados, é coisa muito triste.

O tempo deles acabou e eles ficaram: e não se sabe por quê.

¹ *Busto di balena* é uma expressão italiana que designa a parte do peitoral da armadura romana.

Consintam, pois, serem colocados na vitrine, e nos inclinaremos todos nós. Mas como não deplorar que ainda hoje a muitos destes seja consentido ter em mãos as chaves do cofre e mandar e desmandar? Nunca virá o dia desejado, no qual às forças jovens do cinema será concedido dizer claro e direto: “os cadáveres no cemitério”? Vocês verão como todos acorrerão, neste dia, e solicitarão a algum imprudente retardatário, ajudando-o, com todas as reservas, a pôr seu outro pé na cova.

—
VISCONTI, Luchino. “Cadáveres”.
Negativo, Brasília, v.1, N.1, 2013.

